

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ANA CARLA PERERA  
CRISTINA VICARI

**ERA UMA VEZ UMA MULHER... A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO  
FEMININO NOS CONTOS DE FADA DE ANDERSEN**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO - PR  
2018

ANA CARLA PERERA

CRISTINA VICARI

**ERA UMA VEZ UMA MULHER... A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO  
FEMININO NOS CONTOS DE FADA DE ANDERSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura Infantil

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida  
Marquezi

PATO BRANCO - PR

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

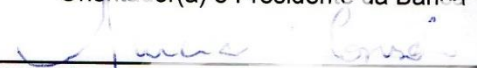
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autor (a): **Ana Carla Perera e Cristina Vicari**

Título: **Era uma vez uma mulher... A representação do gênero feminino nos contos de fada de Andersen**

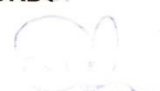
Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 24/06/20, pela comissão julgadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Ma. Marcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

**VISTO E DE ACORDO:**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

**A FOLHA DE APROVAÇÃO ASSINADA ENCONTRA-SE NA COORDENAÇÃO DO CURSO.**

Dedicamos este trabalho às nossas famílias.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus por nos dar coragem, saúde e sabedoria para a realização desta pesquisa. À nossa orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquezi, pelo imenso carinho que nos acolheu, com muita dedicação e contribuição. Seus conhecimentos e suas orientações foram fundamentais para a realização deste estudo. Aos nossos familiares, por estarem sempre ao nosso lado, nos apoiando e não nos deixando desistir. Enfim, a todos os que, por algum motivo, contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

PERERA, Ana Carla; VICARI, Cristina. **Era uma vez uma mulher...** A representação do gênero feminino nos contos de fada de Andersen. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Hans Christian Andersen é um escritor dinamarquês, autor de diversos contos infantis, que encantou e continua encantando o coração de todos por suas histórias que abordam, muitas vezes com olhar diferenciado, as diferentes classes sociais da época, salientando-se a presença da mulher. Diante disso, e a partir da constatação da forte presença das personagens femininas em alguns de seus contos, procurou-se, nesta pesquisa, analisar como era retratada essa personagem em algumas de suas histórias: “Não prestava para nada (1852 – 1855)”, “A princesa e a ervilha (1835)”, “Os sapatos vermelhos (1845)” e “História de uma mãe” (1847-1848). Para a análise, levou-se em conta o contexto histórico, que foi marcado por uma grande divisão de classes. Assim, para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, a luz de teóricos que tratam a respeito da vida de Hans Christian Andersen, e dos papéis femininos, como Coelho (2011), Mendes (2000), bem como dos que discutem a questão do papel da mulher na sociedade, como Zinani e Santos (2015), Telles (2012), entre outros. A partir deste estudo, verificou-se a visão da figura da mulher pela sociedade patriarcal e como ela era submissa ao homem no século XIX. Com estes resultados, espera-se que esta pesquisa contribua criticamente para o estudo de Hans Christian Andersen e da literatura infantil, bem como a questão da mulher e a sua representação.

**Palavras chaves:** Representação feminina. Literatura infantil. Hans Christian Andersen

## ABSTRACT

PERERA, Ana Carla; VICARI, Cristina. **Once upon a time a woman... The female representation on Andersen's fairy tales.** 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Hans Christian Andersen is a Danish writer, author of several children's tales, who has winning everyone's hearts for his stories approaching a romantic character and from his different look at the different social classes. In light of this, from the observation of the female characters' presence in some of his tales, we sought, in this research, to analyze the presence of the woman on the following tales: "Não prestava para nada (1852 – 1855)", "A princesa e a ervilha (1835)", "Os sapatos vermelhos (1845)" e "História de uma mãe" (1847-1848); considering the historical context, which was marked by a great division of classes. Thus, for the accomplishment of this work, we made bibliographical researches, in the light of theorists who deal with the Hans Christian Andersen's life, and women's roles, such as Nelly Novaes Coelho (2011), Mariza B. T. Mendes (2000), as well as the ones that discuss the question of the role of women in society: Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos (2015), Norma Telles (2012) and others. From this study, we verified the feminine role, in these tales, and the vision of the figure of the woman by the patriarchal society regent at the time. The female characters' non-viewing by society present the social injustices relapsed on them and their difficulties of surviving in that environment. From these results, we expect that this research will contribute critically to the study of Hans Christina Andersen and children's literature, as well as the issue of women and their representation.

Keywords: Female representation. Children's literature. Hans Christian Andersen

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 ANDERSEN E OS CONTOS DE FADA</b> .....	<b>11</b>
1.1 VIDA E OBRA DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN.....	11
1.1.1 A Vocação para a Literatura.....	12
1.1.2 A Importância de Andersen para a Consolidação da Literatura Infantil .....	14
1.2 A NARRATIVA INFANTIL DO SÉCULO XIX: OS CONTOS DE FADA E O CONTO MARAVILHOSO .....	16
1.2.1 O Conto Maravilhoso.....	17
1.2.2 O Conto de Fada .....	19
1.2.3 Os Arquétipos Femininos nos Contos de Fadas .....	20
<b>2 UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS SELECIONADOS.,</b> .....	<b>22</b>
2.1 UM BREVE OLHAR PARA A HISTÓRIA DA MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX .....	22
2.1.1 A Mulher e a Dupla Jornada de Trabalho .....	24
2.1.2 Papéis Femininos de Acordo com a Classe Social.....	26
<b>3 A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ANDERSEN</b> .....	<b>28</b>
3.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS DOS CONTOS ANALISADOS	28
3.1.1 “Os Sapatos Vermelhos” (1845) .....	28
3.1.2 “A Princesa e a Ervilha” (1835) .....	29
3.1.3 “Histórias de uma Mãe” (1847 – 1848) .....	30
3.1.4 “Não Prestava para Nada” (1852 – 1855) .....	30
3.2 <b>ERA UMA VEZ UMA MULHER... A FIGURA FEMININA NO SÉCULO DE ANDERSEN</b> .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>



## INTRODUÇÃO

Desde muito tempo, o ser humano vem buscando por meio da literatura explicações e respostas dos seus questionamentos sobre a vida e os fatos que acontecem ao seu redor. Assim sendo, a literatura nos oferece diversos campos de estudo, dos quais nos apropriamos e descobrimos a sua importância para entendermos a nossa história, seja do passado, ou presente, graças às vastas obras de grandes escritores que temos hoje.

Existem muitos autores que deixaram uma vasta contribuição para a literatura infantil especificamente, como é o caso do escritor dinamarquês, Hans Christian Andersen, que com suas obras contribuiu com um grande legado literário para todas as gerações atuais e futuras. Seu estilo sensível de transpor a realidade em suas obras encantam muitos críticos literários e outros pesquisadores têm-se voltado à análise de trabalhos. Ele tem um papel fundamental para o seu país, a Dinamarca, pois refletiu sobre os padrões de comportamento que deveriam ser seguidos pela sociedade e também a pobreza e a riqueza.

Diante destas questões sociais que Andersen aborda os aspectos da realidade, por meio de uma linguagem literária, o presente trabalho procura analisar a representação do gênero feminino nos contos de Hans Christian Andersen. Para isso, após a leitura de uma parte de sua obra, selecionaram-se, para análise, os contos: “Não prestava para nada (1852 – 1855)”, “A princesa e a ervilha (1835)”, “Os sapatos vermelhos (1845)” e “História de uma mãe” (1847 – 1848). A intenção foi contrastar as diferenças de classes sociais das personagens femininas de acordo com o período patriarcal que viviam. Dessa maneira, objetivou-se, neste trabalho, analisar as funções femininas e o seu papel como mulher nos contos analisados, levando em conta o contexto histórico da sociedade da época.

Um dos motivos que levou à escolha do tema foi a observação da presença de várias personagens femininas nos contos do autor, e a escassez de pesquisar sobre o gênero feminino nas suas obras. De forma que este trabalho pretende contribuir, também, para os estudos teóricos sobre o autor e sobre a questão da figura feminina, do seu papel como mulher, bem como de seus significados e de como tudo isso está enraizado na visão da sociedade.

Assim, a partir do presente trabalho, busca-se também fazer uma pesquisa que contribua criticamente para o estudo de Hans Christian Andersen e da literatura

infantil, levando em conta aspectos fundamentais, como a história do autor e a visão que se tinha da mulher neste mesmo contexto histórico. O método a ser empregado é o de pesquisa bibliográfica, que se dará a partir do estudo de teóricos que servirão de base para esta pesquisa.

A fim de analisar os objetivos propostos, esta monografia foi dividida em três capítulos. No primeiro, apresentado na sequência desta Introdução, e intitulado “Andersen e os contos de fada”, se faz a apresentação da vida e obra de Hans Christian Andersen, bem como se traça um breve percurso da sua importância para a literatura infantil, e de seu contexto histórico, de modo a contextualizar as obras em análise. Ainda, observa-se a forma escrita do autor e sua importância para a consolidação da literatura infantil, e uma breve passagem sobre o significado de conto de fada e o conto maravilhoso. Neste capítulo, serão utilizados os embasamentos teóricos de autores como Coelho (2011), Abramovich (1991), Mendes (2000) e Gotlib (1991), entre outros.

No segundo capítulo, “A figura feminina no século de Andersen”, realiza-se um estudo do papel da mulher no século XIX à luz de teóricos como Zinani e Santos (2015), Telles (2012), dentre outros. Com esses estudos, procura-se, como já dito, verificar a figura feminina no século XIX, momento histórico em que viveu o autor, e a sua entrada no mercado de trabalho, seus papéis sociais e obrigações na família e na sociedade. É válido mencionar que a teoria de muitos autores citados neste capítulo foram retiradas do livro *A mulher na história da Literatura (2015)*, organizado pelas autoras Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos, no qual vários outros autores tratam do mesmo tema.

Com base nessas teorias sobre o papel feminino e considerando-se o contexto histórico do autor, no terceiro capítulo, “Era uma vez uma mulher... a representação feminina em Andersen”, procura-se investigar os papéis femininos, expressos pelas personagens nos contos em análise. Neste capítulo, pretende-se compreender as divisões de classes e as relações de poder das personagens ricas diante das pobres, e suas obrigações enquanto mulheres, dentro de uma sociedade patriarcal, expressando suas lutas e sofrimentos.

Por fim, apresentam-se as Considerações Finais, momento em que serão retomadas as ideias principais discutidas ao longo deste trabalho e, na sequência, apresentam-se as referências que serviram de embasamento teórico para a elaboração deste estudo.

## 1 ANDERSEN E OS CONTOS DE FADA

Este capítulo trará alguns pontos e considerações importantes sobre Hans Christian Andersen, tais como sua biografia e bibliografia e características de sua escrita, de forma que se possa conhecer ou se ter um contato maior com sua obra com o intuito de se entender a figura feminina em seus contos.

Além disso, também se discutirá como a narrativa infantil do século XIX se apresentava ao leitor, apresentando-se como eram os contos de fada e o conto maravilhoso, além da visão dos adultos e das crianças sobre eles.

### 1.1 VIDA E OBRA DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Hans Christian Andersen, mais conhecido como Hans, foi um menino muito criativo e iluminado, responsável pelas mais belas histórias contadas até hoje, mas pouco conhecido como o criador dessas. Nasceu na Dinamarca, na cidade de Odessa, em 2 de abril de 1805. Seus pais eram pessoas humildes e de bem, seu pai era sapateiro e sua mãe lavadeira. Viveram em um período em que os ricos e os pobres tinham uma boa relação social, mas essa tranquilidade em que viviam durou pouco tempo, devido à guerra que se aproximava – de Napoleão Bonaparte, sendo que até seu pai teve que ir à batalha.

E embora a Dinamarca tivesse se mantido neutra (e quase aliada da política napoleônica), acaba sendo envolvida, quando, em 1812, Napoleão declara guerra a Rússia, que pretendia se apossar da Alemanha (então pertencente ao Bloco Europeu napoleônico: França, Espanha, Prússia, Áustria e Alemanha). Ligados à Alemanha por fundas raízes culturais, que vinham de um passado remoto, os dinamarqueses, levados pelo entusiasmo nacionalista, alistaram-se no exército napoleônico (COELHO, 2011, p. 8).

Depois da volta da batalha, seu pai logo falece e deixa a responsabilidade da casa para Hans. Ele tinha apenas nove anos quando tudo isso ocorreu; conseqüentemente, a estabilidade da família foi abalada e o ambiente ficou triste e difícil de lidar: “[...] torna-se o ‘homem da casa’, convivendo com mulheres sofridas (avó, mãe e irmã) que, confusamente, lhe atribuíram a missão de salvar a família.” (COELHO, 2011, p. 9).

Andersen entrega-se, então, a diversos serviços para tentar arrumar uma forma de sustentar a família e seu primeiro trabalho foi como sapateiro. Devido a isso, sua vida escolar ficou de lado, pois precisou trocar o tempo da escola pelo de trabalho. O que salvou seu conhecimento nessa época foi o hábito das pessoas contarem histórias, nas rodas de conversas, nos pequenos grupos de trabalho, isso o ajudou a passar o tempo e a estimular sua criatividade.

Nessas circunstâncias, sua formação escolar reduziu-se ao estudo primário. Deficiência cultural que foi, em parte, compensada por um costume da época: o de contar histórias. Fosse em grupos de trabalho (o das fiandeiras, das engomadeiras...), fosse nos serões familiares ou em quaisquer outras ocasiões, sempre alguém entretia os presentes, contando “histórias” do passado remoto ou inventando “estórias” divertidas ou trágicas, que ajudavam a passar o tempo (COELHO, 2011, p. 9, grifos da autora).

Segundo Meireles (2016), seu pai costumava ler para toda a família, à noite, trechos da bíblia em voz alta, para que todos ouvissem. Além disso, contava histórias de *La Fontaine*, *Holberg* e *Mil e uma noites*. Além desses autores, Andersen conheceu as obras de Shakespeare, graças a vizinha, o que foi grandioso, pois foram estas, juntamente com as histórias bíblicas, que influenciaram suas primeiras tragédias.

Essa questão foi fundamental para a obra de Andersen, pois foram seus primeiros contatos com a literatura e que lhe despertou novos olhares para o mundo da arte.

### 1.1.1 A Vocação para a Literatura

Foi a partir dessas histórias que a sua vocação foi aflorando, tendo descoberto um amor pelo teatro – incentivado pelo popular teatro de fantoches que contagiava o povo da cidade. Ele chegou a produzir sua própria história, confeccionando as roupas dos fantoches, o que fez com que sua mãe acreditasse que poderia ser um alfaiate, mas sua vocação era o teatro, e o tempo providenciou o seu caminho certo.

[...] certos biógrafos de Andersen registram que, adolescente, ele chegou a montar um teatrinho de fantoches, inventando as situações e confeccionando ele próprio a roupa dos bonecos – o que levou mãe a sonhar para ele a profissão de alfaiate. Mas seu destino era outro... Sonhava com o teatro, pois a grande atração popular da época era o espetáculo teatral: a comédia musical, o *vaudeville*, a farsa, o monólogo, a pantomima...[...] (COELHO, 2011, p. 10, grifos da autora).

Certa vez, uma cigana que passou na cidade leu suas cartas e previu que o futuro de Hans Christian seria fabuloso e sua família esperou ansiosa por essa conquista, pois seria a sua salvação. Aos 14 anos, decide sair de casa, em busca de realizar seu sonho, com esperança de encontrar sua profecia. O que ele não imaginava, no entanto, era que as portas se encontrariam fechadas para ele, pois não tinha uma instrução e conhecimento necessário para ingressar no mundo das artes e da literatura. O que lhe causou uma grande frustração.

Levava na bagagem ingênuos “scripts” teatrais na linha dos vaudervilles alegres, e o sonho ambicioso de ser artista, cantor, autor ou bailarino. Aspiração que, a final, se frustrou, mas que se justificava, pois na época o teatro era a arte maior, dominante em todos os estratos sociais e atraente caminho de realização profissional. Ainda era cedo para o jovem Hans Christian, que nascera com um extraordinário talento criador, mas não tivera instrução letrada e não estava preparado para atuar no âmbito da Arte e da Literatura. Todas as suas tentativas de ser recebido no meio teatral encontraram as portas fechadas (COELHO, 2011, p. 11, grifos da autora).

Nessa fase, chegou a escrever pequenos contos e novelas, mas seu olhar estava focado no teatro e tão cedo não desistiria desse sonho. Surge então uma boa oportunidade quando conhece um diretor de uma Academia de Música, que o convida para apresentar-se em um jantar em sua casa, para que todos os seus amigos e convidados o prestigiassem. Neste evento, houve muita emoção pela parte de Hans, o que afirmou sua vocação para o mundo das artes. Os convidados presentes lhe ofereceram trabalhos e estudo dentro de uma pequena equipe de teatro, conseguindo, assim, mais incentivo para realizar o seu sonho.

Alguns dos presentes o encaminharam para os estudos de latim, alemão, inglês, história e canto; conseguiram-lhe pequenos papéis de figurante em pequenos espetáculos e o incentivaram a oferecer ao Teatro Real uma das tragédias que ele havia escrito (COELHO, 2011, p.11).

Sua vida começa a tomar um rumo diferente, pois novamente não foi bem sucedido. Graças a Jonas Collins, um Conselheiro do Estado e membro do Teatro Real, que se interessou pelo seu talento Hans, sentindo que aquele menino teria um futuro brilhante, Andersen pode se dedicar e focar nos estudos específicos da

criação artística: “[...] Collins resolveu adotá-lo, com a condição de que estudasse, durante dois anos, para adquirir a cultura básica indispensável à criação artística” (COELHO, 2011, p.11).

Em 1831, novas portas começaram a se abrir, quando consegue um estágio na Alemanha, e com essa experiência, entra em contato com o lado da alta cultura. Grandes artistas se destacavam nesse período, entre eles: Goethe, Helder, Nietzsche, Schopenhauer, Schiller, Holderlin, Bach e Beethoven. Pode-se supor que todos eles foram responsáveis pelas inspirações artísticas que estavam se definindo em seus pensamentos.

Três anos após terminar o seu estágio, entra em contato com a nobreza do rei Frederico VI que lhe oferece uma nova bolsa de estudos para conhecer vários países. Com isso, tornou-se conhecido pelas famílias nobres e passou a se hospedar nessas casas, “[...] conforme era o costume na época: eram os mecenas que protegiam artistas ou escritores de talento, dedicados exclusivamente à Arte” (COELHO, 2011, p. 12).

Em uma viagem à Itália entrou em contato com um grupo religioso revolucionário, “Giovane Itália”, grupo com valores morais e religiosos que se preocupavam com a educação do indivíduo: “[...] cujo credo defendia a função educativa, civil e religiosa da Arte; entendia a vida do povo e do indivíduo como missão, e a Literatura, como sacerdócio da Educação”. (COELHO, 2011, p.12).

Essas novas experiências possibilitaram a Andersen um maior conhecimento e amadurecimento artístico, que foram fundamentais para consagrá-lo como um autor renomado.

### 1.1.2 A Importância de Andersen para a Consolidação da Literatura Infantil

Aos trinta anos de idade, Andersen se consagra escritor de literatura infantil, sendo autor de algumas das mais conhecidas histórias infantis: “O Patinho Feio”, “Rainha da Neve”, “Os Sapatinhos Vermelhos”, “O Soldado De Chumbo”, “A Princesa e a Ervilha”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “A Sereiazinha” etc. Ele foi o primeiro a contar as histórias com um caráter mais romântico, tendo um olhar diferenciado em relação às classes sociais existentes na época. Isso possibilitou

uma nova forma de compreensão para as injustiças sociais, pois mostrava que todos têm os mesmos direitos, independente de serem ricos ou pobres.

Andersen foi, portanto, a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava. Na ternura que ele demonstra, em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade próprios do Romantismo. No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais (COELHO, 2010, p. 161).

Percebe-se a grande contribuição de Andersen para essa modalidade da literatura, pois ao invés de criar histórias ficcionais com caráter mentiroso, cria histórias ficcionais baseadas na realidade em que viveu na sua época, nos seus tempos de dificuldade e de conquistas. E é por meio dos exemplos de histórias verdadeiras, sem distorções do que é o real, que o ser humano pode aprender e a compreender o mundo em que vive. “[...] É na realidade concreta do cotidiano que o ‘maravilhoso’ é descoberto... E mescladas ao ‘maravilhoso’, muita crueldade e violência que seu humanismo tenta atenuar...” (COELHO, 2010, p.158-159, grifos da autora).

Segundo Coelho (2010), com suas histórias, é possível aprender a perdoar e a se redimir de seus próprios pecados, e se refugiar no caminho da fé, quando se encontram problemas, ao invés de se voltar contra as injustiças que acontecem. Andersen poderia ter se voltado contra a vida difícil que enfrentou, mas preferiu superar as fases ruins e buscar sempre o lado bom das coisas.

Suas histórias mostram que sua principal reação a essa situação de fato foi mais de resignação e de refúgio na fé religiosa do que de revolta contra as injustiças sociais. Como verdadeiro cristão vê esta vida como o “vale de lágrimas” que ele deve atravessar antes de ir para o céu [...] (COELHO, 2010, p. 159, grifos da autora).

Encontra-se em Andersen uma personalidade forte, que não se apoiou em fórmulas para escrever suas histórias: “[...] quando ficou só, teve de lutar por tudo o que obteve, e buscou suplantar o que ele necessariamente teria que sentir ou lembrar” (DÄL, 2005, p. 23). Foi um rapaz pobre, mas com um grande espírito, que com seu talento e carisma, conquistou o coração de todos.

Pode-se dizer que as histórias de Andersen, que trazem como pano de fundo a vida real, descrevendo conflitos, dificuldades, fome, solidão, problemas que acontecem no cotidiano, fazem com que alguns não gostem delas, por abordar temas tristes. Mas o autor abordou essas temáticas de forma diferenciada, fazendo com que fossem vistas de outro modo: enxergando os fatos tristes como uma maneira de compreender a situação que as pessoas daquela época passavam.

## 1.2 A NARRATIVA INFANTIL DO SÉCULO XIX: OS CONTOS DE FADA E O CONTO MARAVILHOSO

Segundo Coelho (2000), a Literatura Infantil nasceu de obras feitas para adultos, e porventura acabou caindo no gosto do público jovem. Depois de algumas delas serem traduzidas e adaptadas, tornaram-se clássicos infantis e juvenis.

Devido à existência da literatura escrita especificamente para a infância e a juventude, começam a surgir adaptações de romances ou novelas famosas, que encantam adultos e os menores. Portanto, durante os séculos XVIII e XIX, paralelamente à divulgação das coletâneas de Perrault, La Fontaine, Grimm e outras bem populares, surgem *livros cultos* (isto é, não-populares) que, originalmente, destinados a adultos, acabam por se transformar em leitura para crianças e jovens. (COELHO, 2000, p. 118, grifos da autora).

Em um primeiro momento, o material literário existente é um resultado da mistura do que é real com a invenção do maravilhoso. Com o passar dos anos e com a Revolução Industrial em alta, os contos de fadas e o maravilhoso começam a ser tratados como “coisas para crianças”. Como esclarece Coelho (2000, p.125), “As diferenças que devem ser notadas entre esta nova narrativa e os antigos contos são principalmente a forma narrativa e os valores morais enfatizados”.

Quanto mais o cientificismo avançava, menos irracionais iam se tornando os estilos de literatura. Aquele “pensamento mágico”, o imaginário realçado, perde espaço, com o tempo, para o racional que acaba predominando, devido ao momento histórico vivido no século XIX.

Mesmo naqueles em que o maravilhoso faz parte essencial da trama (como *Alice ou Pinóquio*), a intenção de realismo e verdade é fundamental. É essa intenção que torna importante a *representação simbólica escolhida* pelos autores para divertirem seus pequenos leitores e, ao mesmo tempo, criticarem a sociedade a que cada um deles pertencem. (COELHO, 2000, p. 133, grifos da autora).



Deve-se observar a capacidade natural que a criança tem em transformar algo que, para os adultos, parece normal, em um mundo mágico e maravilhoso. A lógica que as crianças encontram para coisas do cotidiano é fantasiada e transformada com suas imaginações e fantasias.

O que para nós é o mais lógico, parece extraordinário no mundo das crianças. Simultaneamente à evolução dos seus sentidos, ela vive a descoberta do maravilhoso e, à medida em que cresce, novos e contínuos mundos vão surgindo para sua imaginação, vão se realizando para ela. (JESUALDO, 1983, p. 24).

Com toda essa mudança no cenário mundial da literatura, a classificação para crianças começa a ficar mais definida. Porém, para um melhor entendimento, é interessante saber como surgiram o conto maravilhoso e os contos de fadas, e também a transição dessa cultura para o público infantil, o que será explicado no próximo tópico.

### 1.2.1 O Conto Maravilhoso

Desde seus primeiros registros, consegue-se diferenciar o formato conto de dois modos essenciais: os contos maravilhosos e os contos de fadas. O Conto Maravilhoso foi o primeiro a surgir e tinha muito mais a forma lúdica e fantástica das histórias:

[...] o maravilhoso foi a fonte misteriosa e privilegiada de onde nasceu a literatura. Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com as forças do Bem e do Mal, personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem a fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. (COELHO, 2000, p. 172).

O formato do conto maravilhoso tem sua origem no oriente, propagada pelos árabes, dos quais se conhece a mais famosa coletânea, *As mil e uma noites*, cujo “[...] núcleo das aventuras é sempre de natureza *material/social/sensorial* (a busca de riquezas; a satisfação do corpo; a conquista do poder, etc.)” (COELHO 2000, p. 173, grifos da autora).

A principal característica do conto maravilhoso é seu formato, em que o tempo e o espaço não têm um momento histórico definido. Conforme afirma Gotlib (1991, p. 18, grifos da autora), “Não existe a ‘ética da ação’, mas a ‘ética do acontecimento’: as personagens não fazem o que deve fazer. Os acontecimentos é que acontecem como deviam acontecer”. Ainda: “O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos”. (p. 29)

As personagens, lugares e tempos são indeterminados historicamente: não têm precisão histórica. Lembre-se do ‘Era uma vez...’ que costuma iniciar contos deste tipo. E o conto obedece a uma ‘moral ingênua’, que se opõe ao trágico real. (GOTLIB, 1991, p. 18, grifos da autora).

Pode-se afirmar que o conto maravilhoso não tem sua estrutura modificada com o passar do tempo, mas a técnica utilizada para narrá-lo, sim.

Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertebrada (GOTLIB, 1991, p. 29).

Esse tipo de conto pode passar de geração para geração e a forma como é contado mudar, mas o “pano de fundo” utilizado, a base do enredo, sempre permanecerá a mesma.

### 1.2.2 Os Contos de Fadas

Os Contos de Fadas pertencem à formação “espiritual/ética/existencial” (COELHO, 2000). O nome Fada surge do latim “*fatum*” que significa *destino*. O homem, por ser limitado em seu corpo, é natural que tenha um desejo de que uma “magia” aconteça. “Segundo a tradição, as *fadas* são seres imaginários, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, que interferem na vida dos homens para auxiliá-los em situações limites” (COELHO, 2000, p. 174, grifo da autora), enquanto as bruxas são fadas que tiveram um comportamento negativo.

Foi entre os celtas, povos bárbaros conquistados pelos romanos, que teriam surgido os primeiros contos de fadas, e,

Com o tempo, ao se transformarem e difundirem, no meio popular ou entre as crianças, essas personificações, que originalmente nasceram como expressão simbólica de preocupações éticas ou metafísicas, perdem seu possível caráter esotérico e só conservam suas prerrogativas mais evidentes: seu poder mágico. (COELHO, 2000, p. 175).

O homem sempre se viu somente com o seu corpo, e nada mais. É de sua natureza que sempre tenha desejado uma “ajuda mágica”, quando se encontra diante de problemas ou conflitos que não pode resolver, ou são difíceis. Os contos de fadas partem de uma situação real, já vivida pelo leitor. As personagens vivem o cotidiano, instigando a criança a encontrar soluções para os problemas que surgem e, “[...] todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenções de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...)”. (ABRAMOVICH, 1991, p. 120).

Ao longo dos anos, os contos de fadas foram sendo reescritos e modificados. Tal atitude foi condenada pelos estudiosos, pois somente os verdadeiros e originais contos de fadas têm as suas características preservadas. Para Abramovich (1991, p. 121), “Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto”.

As literaturas que surgiram após esse período não aceitaram mais como eram vistas as fadas, e com o passar do tempo a cultura foi mudando. O público infantil foi quem manteve esse encantamento com os seres mágicos e, conseqüentemente, os contos de fadas permanecem vivos. O mundo das fadas, por mais que só exista no pensamento infantil, permanece vivo nas crianças, mesmo nos dias atuais.

### 1.2.3 Os Arquétipos Femininos nos Contos de Fadas

Sempre que se pensa em arquétipos, pode-se equivaler com formas, jeitos, tipos de situações com as quais se depara nas mais banais situações do cotidiano. Mas o que difere, é ter passado por isso sempre da mesma forma, sem alterações.

Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época ou lugar. Sendo resultado de uma experiência que foi repetida durante muitas e muitas gerações, os arquétipos estão carregados de forte emoção (MENDES, 2000, p. 35)

As pessoas ou personagens de um conto são seus arquétipos representados para explicar uma época e suas características. Tanto na literatura clássica como na mitologia: “[...] têm sido representados por figuras ou personagens arquetípicas, isto é, representações dessas paixões ou ‘gigantes da alma’ que se amalgamam no *inconsciente coletivo*, analisado por Jung.” (COELHO, 2012, p. 98, grifos da autora).

Dentro desse “inconsciente coletivo”, pode-se citar: “[...] o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos deuses e demônios.” (MENDES, 2000, p. 35). Portanto, a figura feminina é um arquétipo que sempre esteve representado, de uma maneira geral, da mesma forma. Alterando-se quanto ao comportamento, apenas conforme a época e como as mudanças ocorridas no mundo se colocavam. A mulher sempre teve um papel fundamental dentro de seu meio, o que difere uma época da outra é a falta de reconhecimento dos outros pelo seu papel exercido.

Desde sempre, a figura feminina aparece nos contos de fadas de uma maneira poderosa, com dotes especiais. Essa força sempre foi temida pelos homens, afinal eles deveriam ser as figuras dominantes. “[...] a mulher teria representado no universo: uma força primordial, necessária e, ao mesmo tempo, temida e por isso mesmo continuamente dominada pelo homem”. (COELHO, 2000 p. 177).

A figura feminina, nos contos de Hans Christian Andersen, foi presente principalmente devido ao fato dele ter sido criado, por boa parte da sua infância, pela mãe e também por estar sempre rodeado de mulheres. Refletindo-se sobre o papel feminino na sociedade, percebe-se que a mulher percorreu por muitas limitações e subordinações diante dos homens ao longo dos anos, assim, no próximo capítulo, será investigado como era o papel feminino e a sua história durante o século XIX.

## 2 A FIGURA FEMININA NO SÉCULO DE ANDERSEN

Neste capítulo, se discutirá como era a figura feminina no século XIX, momento histórico em que viveu Hans Christian Andersen, bem como quais eram suas tarefas comuns e deveres na sociedade, começando por mostrar a sua relação com a figura masculina. Logo após, também se discutirá como a mulher entra no mercado de trabalho e o que isso altera na sua trajetória.

Para se entender o papel feminino nos contos de fadas, que é o objetivo deste trabalho, também se verificará questões relacionadas aos aspectos religiosos e como essa relação influenciava o cotidiano da mulher. Para isso, se apresenta um panorama geral da mulher no século XIX, seus anseios.

### 2.1 UM BREVE OLHAR PARA A HISTÓRIA DA MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX

O século XIX apresentou muitas mudanças, principalmente econômicas na Europa. Em relação à mulher essas mudanças são lentas, porém significativas.

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente *outro*, confrontando com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES, 2012, p. 403, grifos da autora).

Segundo Peixoto (1944, p. 8, apud ABREU, 2015, p. 25), os estudos sempre procuram compreender de onde vem a subordinação da mulher para com a figura masculina: “[...] a educação da mulher veio eivada de pensamentos patriarcais desde os tempos primitivos e que a mulher deixou de ser apenas mãe presuntiva ou efetiva, para ser companheira, a colaboradora, a inspiradora [...]”. Assim, percebe-se que a obediência e servidão ao homem não é algo que tenha acontecido de uma hora para outra, pois são reflexos de gerações de mulheres que sempre obedeceram sem questionar seus maridos, pais, enfim, a figura masculina.

Por muitos anos, a mulher foi tratada como inferior aos homens por simplesmente ser mulher, ser frágil e sem direito a voz. Conforme (Buitoni 2009

apud ABREU, 2015, p. 19) na literatura, por exemplo, a figura feminina do século XIX era desvalorizada, pois “[...] representava poucas representações, versando apenas entre a mulher cuidadora do lar e dos filhos [...]”. O papel da mulher era limitado ao que o homem julgava ser o correto, e não podiam contestar essas atitudes masculinas.

As mulheres do século XIX eram, de modo geral, obedientes a seus maridos, donos ou senhores. Estavam acostumadas e foram criadas para servirem sem qualquer questionamento. “As mulheres do século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos ou senzalas, construídos por pais, maridos, senhores.” (TELLES, 2012, p. 408). Uma simples saída de casa, tinha que ser justificada e aprovada por aquele que a mandava. A mulher era mais como um objeto de posse, que parecia não ter desejos e anseios.

Era uma divisão de gêneros de quem tinha mais relevância e poder de voz na sociedade. As mulheres passavam como figuras fracas por não terem o físico ideal para lutarem. Eram “educadas” para serem submissas, passando essa ordem de geração para geração, fazendo com que a classe feminina continuasse menosprezada:

Elas não devem nem governar, nem fazer guerra, nem entrar no mistério das coisas sagradas. O corpo delas, tanto quanto seu espírito, é menos forte, menos robusto que os dos homens; entretanto, deve-lhes a natureza a compreensão da habilidade, da limpeza, da economia, para ocupa-las tranquilamente em seus lares. Entretanto é preciso educá-las, [...] pois é uma constante que a má educação das mulheres faz mais mal que a dos homens, pois que as desordens dos homens vêm muitas vezes da má educação que recebem suas mães e das paixões que outras mulheres lhes inspiram em idade mais avançada (PEIXOTO, 1944, p. 61 apud ABREU 2015, p. 27).

A dominação masculina aparece de forma histórica e cultural, passando de uma determinada época para outra, não sofrendo modificações e nem reflexões: “Ao definir-se a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica, compreende-se a forma como a relação de dominação histórica e cultural, é afirmada como uma diferença de natureza universal e imutável” (ABREU, 2015, p. 26).

Como as mulheres não tinham estudos, os homens se sentiam superiores e inatingíveis. E eles tinham muito cuidado para que elas continuassem a ser ignorantes: “[...] como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública,

e não recebe instrução porque não participa dela” (TELLES, 2012, p. 406). A imposição para a obediência é tão clara quanto o temor que os homens tinham de que elas adquirissem conhecimento e um dia pudessem se tornar ouvidas e respeitadas.

### 2.1.1 A mulher e a Dupla Jornada de Trabalho

A desvalorização feminina também perpassa para o mercado de trabalho, quando elas começam a ter seus primeiros empregos, ganhando sempre muito menos que os homens, e com uma dupla jornada, pois os serviços domésticos eram feitos quando retornavam ao lar, sem nenhuma ajuda de seus maridos ou filhos homens.

Quando a mulher vê-se no mundo do trabalho, ainda recebendo muito menos do que o homem e sem a valorização profissional, é exatamente nesse ambiente que, apesar das dificuldades, enxerga um espaço para emancipar-se, porém o que lhe é pregado é que o trabalho é moralizador, mas não emancipatório, pois a mulher continua tendo as mesmas obrigações que já eram suas anteriormente, agora com mais um apontamento (ABREU, 2015, p. 27).

Surge, a partir desse pressuposto, a ideia de que se a mulher for uma boa educadora, saberá educar seus filhos e filhas, para que saibam qual é a posição de cada um na sociedade. Assim, ficará mais fácil de serem bem recebidos quando forem construir seus lares.

Então, todo o peso de que se um filho não seguir um caminho correto, estabelecido pela sociedade burguesa, a culpa automaticamente é de sua mãe, que não soube educá-lo e mostrar seu papel na sociedade. Independente se ele teve em sua casa um mau exemplo do pai, ou qualquer outra interferência, tudo recai sobre a mãe que não lhe educou direito.

À medida que as mulheres se educarem irá melhorando o mundo. A felicidade comum depende da educação da mulher. Com essa educação, educará os filhos, maridos e esposas dos outros, da geração vindoura. Educada e educadora (PEIXOTO, 1944, p. 315-316. apud ABREU 2015, p. 27).

A partir do século XIX, a sociedade passa por uma crise em que falta mão de obra masculina, com isso, passa-se a contratar mulheres menos favorecidas para trabalharem em empresas. Surge então o termo “sexo frágil” no ambiente de trabalho, que queria provar que a entrada das mulheres não iria atrapalhar os interesses dos homens, pois sempre estariam como auxiliares, subordinadas aos seus chefes (classe masculina). Contudo, com essa nova oportunidade que estavam lhe oferecendo, afirmava-se que elas estariam mais bem preparadas para a vida dentro do lar, com mais conhecimento da atualidade para passar para seus filhos.

A partir do século XIX, [...] a ideia de que a maior participação a mulher no mundo do trabalho culminaria na valorização da função maternidade e da própria esfera privada do lar, pois essa mãe estaria mais apta a propiciar uma educação atualizada e aprimorada aos futuros cidadãos da pátria do que uma mãe tradicional. Embora haja o incentivo da entrada da mulher no mundo profissional, seu espaço será sempre na condição de auxiliar, subordinada aos líderes (ABREU, 2015, p. 28).

Apesar de se querer passar uma segurança positiva às mulheres, a preocupação era de que elas não soubessem o seu devido lugar na sociedade – submissa ao homem. Por mais que a sua função fosse parecida com a do homem, jamais seria mais importante que a dele. Era necessário que elas aceitassem a sua condição, para que não interferissem nas regras patriarcais: “[...] não devemos ensinar (o trabalho) a essas mulheres que amanhã nos virão a substituir, mas devemos fazer-lhes compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos” (RAGO, 2009, p. 229, apud ABREU, 2015, p. 28).

Por mais que a mulher tivesse obrigações iguais ao homem em uma empresa, era seu dever manter a casa e seus filhos em perfeita harmonia. Não se cogitava a ideia de que quando os dois retornassem, ao fim do expediente, aos seus lares, as obrigações domésticas fossem divididas. Afinal esse era o dever único e exclusivo da mulher; ao homem, cabia descansar, pois seu trabalho nas empresas tinha uma nobreza (diga-se ganho) muito maior do que o da mulher.

Castro (1917, apud ABREU, 2015) descreve, em uma crônica, como a figura feminina precisa se portar no mercado de trabalho e diante do ambiente familiar. E também quais eram os atributos necessários a um homem quando buscar uma moça para o casamento:

Concedendo-lhe Deus a ventura de ser mãe, seus filhos e filhas educando-se por ella com o bom exemplo, principal incentivo para uma educação



serão algum dia copias de tão bello original. Elles habilitados para serem um dignos chefes de famílias, saberão escolher a mulher que como tal lhe convém: ellas farão, como sua mãe, a ventura d'aquelles a quem se linguem (CASTRO, 1917, p.1 apud ABREU 2015, p. 28).

Observando-se esse texto, percebe-se a forma grotesca como a mulher era tratada. Ele mostra como ela devia ser submissa ao homem para que fosse perfeita para o casamento, à maternidade e ao trabalho, ou seja como ser uma mulher ideal.

### 2.1.2. Papéis Femininos de acordo com a Classe Social

No século XIX, muitas pessoas moravam na zona rural, ou em pequenas comunidades. Existia uma divisão de classes (pobres e ricos) e a mulher, principalmente, precisava seguir regras diferentes como: “Caso fizessem parte da elite, o destino das meninas estava socialmente traçado, já que, no futuro, deveriam contrair núpcias com o filho de um parente, compadre ou personalidade importante da região” (ABREU 2015, p. 32).

Às mulheres que pertenciam à alta sociedade, seus destinos eram traçados pelos pais sem que precisassem se preocupar com o futuro, pois este estaria garantido pela escolha de um bom partido que a sustentasse. Jamais uma mulher pertencente a essa classe social, poderia discordar da escolha de seus pais ou parentes. Seu futuro não lhe pertencia e sua opinião e vontade não eram levadas em conta. Restava-lhes concordar e aceitar, já que os destinos das que não concordavam, na maioria das vezes, era ser freira ou ser rejeitada e deserdada por seus pais. Não existia uma tolerância para mulheres, meninas, que queriam escolher seus caminhos, e elas tinham consciência disso.

Quanto à classe das mulheres de baixa renda, por mais que seja o outro extremo, também não tinham muitas escolhas, pois ou ajudavam nas tarefas domésticas, ou passariam fome. Identifica-se assim uma inversão de valores:

No outro extremo, o trabalho das meninas pobres tinha início pelos cinco anos, quando começavam a auxiliar nas lidas domésticas, cuidando de animais ou de outras crianças. Algumas prendiam ofícios considerados especializados, tais como tecelagem, costura, habilidades, e acabavam, quando adulta, por engrossar a fileira de trabalhadores necessários para a geração de riquezas do País (ABREU 2015, p. 32).

A diferença entre os dois tipos de mulheres abordados é visível, não se pode dizer que as pertencentes da classe alta tinham um destino melhor, porque, afinal, lhes era tirado o direito de escolha de seu futuro, ficando presas a um costume patriarcal. Muitas vezes essas mulheres salvavam suas famílias de uma falência, ou um endividamento pelo casamento, pois um bom partido sustentaria e reergueria toda sua família. A moça servia de moeda de troca para uma situação financeira difícil.

As mulheres de classe baixa, por sua vez, com menos condições financeiras, eram destinadas a ser empregadas em seus lares. Precisavam seguir as regras de dona de casa, ajudando na criação de animais ou dos irmãos menores. Tirava-se lhes o direito da infância, por as forçarem desde muito pequenas a trabalhar e ser responsáveis, como adultas.

### **3 ERA UMA VEZ UMA MULHER... A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ANDERSEN**

Neste capítulo, será analisada a representação feminina nos contos: “Os sapatos vermelhos” (1845), “A Princesa e a Ervilha” (1835), “História de uma mãe” (1847-1848) e “Não prestava para nada” (1852 - 1855), dando-se ênfase às diferenças de classes sociais e às questões de relação de poder. Antes de cada análise, se fará um breve resumo de cada conto, para que depois se possa melhor especificar cada ponto da análise.

#### **3.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS DOS CONTOS ANALISADOS**

Os contos analisados foram retirados do livro “Contos de Hans Christian Andersen”, traduzido direto do dinamarquês por Silva Duarte, e os comentários feitos ao final de cada conto, bem como o prefácio são de Nelly Novaes Coelho. O livro é da editora Paulinas, produzido em São Paulo no ano de 2011. Essa edição tem um total de 786 páginas.

O conto “A princesa e a ervilha” tem duas páginas (p. 47-48); “Os sapatos vermelhos” tem sete (p. 255-261); “História de uma mãe” tem seis (p. 300-305) e o conto “Não prestava para nada” tem oito páginas (p. 328-335). Ao final de cada um deles, como já observado, há um breve comentário da Profa. Nelly Novaes Coelho (1922-2017), ensaísta e crítica literária que tem uma vasta e respeitada obra na área da literatura infantil.

##### **3.1.1 “Os Sapatos Vermelhos” (1845)**

Este conto narra a história da personagem Karen, que desde pequena passou por muitas dificuldades devido à pobreza. Após a morte da avó, uma senhora resolve adotá-la. A menina leva consigo o único par de sapatos que tinha, vermelhos, que logo são jogados fora pela dama. Ela recebe todos os mimos e cuidados possíveis. Quando chega o dia da sua crisma, a senhora leva a menina até uma loja de sapatos, e Karen escolhe, então, um par de sapatos vermelhos. Como a

senhora não enxergava bem, não notou a cor dos sapatos. A intenção de Karen é que todos a admirem pelo sapato, e o usa todos os dias, mesmo em lugares que era inapropriado para os valores da época.

Após algum tempo, a senhora que a cuidava começou a ficar doente e esperava que Karen a cuidasse, mas ela não resiste aos sapatos e quer ir a um baile com eles. Quando chega, não consegue parar de dançar, e mesmo quando tenta tirar os sapatos, estes não saem. Parecem ter adquirido vida própria. Os sapatos a levam para todos os locais, até que um anjo aparece e a amaldiçoa, ao que ela suplica misericórdia, mas o anjo a ignora. A solução é procurar um carrasco para que corte seus pés fora, pois estava arrependida de seu pecado. Após os pés cortados, volta à igreja com muletas e suplica pela misericórdia do Senhor, e é atendida. Sua alma é perdoada e levada para o céu.

### 3.1.2 “A Princesa e a Ervilha” (1835)

Esta é a história de um príncipe que desejava se casar com uma princesa de verdade. Procurava por todos os lugares, mas nunca encontrava uma que fosse genuína. Em um dia muito chuvoso, aparece uma princesa na porta de seu castelo pedindo abrigo. A família do príncipe recebe a moça e resolvem fazer um teste para saber se ela era mesmo uma verdadeira princesa. Colocam-na para dormir sob vinte colchões, e mais vinte edredons e, no meio deles, entre as tábuas do leito um grão de ervilha.

No dia seguinte, perguntam como passou a noite, e conta que dormiu muito mal, estava toda dolorida, era como se tivesse algo naquela cama. Dito isso, comprovaram que era genuína, pois somente uma princesa – acostumada a toda maciez possível – perceberia a ervilha na cama. O príncipe pede então a sua mão em casamento, e a ervilha é colocada em um museu para que possa ser vista por todos.

### 3.1.3 “História de uma mãe” (1847-1848)

Neste conto, há uma mãe aflita pela saúde de seu filho, que estava morrendo. Em um belo dia, bate à porta de sua humilde casa, pedindo abrigo, um velho envolto com uma capa de cavalo, pois nevava muito lá fora. A pobre dá abrigo ao homem e também vigia o filho por três dias e três noites sem descanso.

Durante um cochilo, o filho e o homem desaparecem. Desesperada, sai em busca deles e encontra vários elementos como: uma mulher de vestido preto, espinhos, um rio, uma senhora de cabelos brancos. Todos eles lhe falam que era a morte que tinha passado em sua casa e, para dar informações sobre o filho, sempre pedem alguma coisa em troca. Chegando ao local onde a morte cuidava de seu jardim, a pobre mãe, já cega, toda machucada, com os cabelos brancos e sem voz, tenta escutar o coração de seu filho numa espécie de estufa, onde se encontravam várias flores e plantas que simbolizavam pessoas. Ao chegar perto de um pé de açafreãozinho, reconhece o coração do filho.

De repente, sente um frio passando por ela e percebe que é a morte. Ela então pelo seu filho de volta, e a morte responde que é a vontade de Deus que está exercendo. A pobre mãe tenta relutar contra a vontade da morte, mas esta mostra que o menino não ficaria bem. Por acreditar e ter tanta fé em Deus, abre mão do seu filho para que descanse em paz ao lado do Senhor.

### 3.1.4 “Não prestava para nada” (1852-1855)

Em um vilarejo, vivia uma mulher muito batalhadora, que cuidava da sua família sozinha e sofria preconceitos da sociedade, que dizia que ela “não prestava para nada”. A pobre mulher era lavadeira e passava horas na correnteza lavando roupas para fora. Tinha um filho que a acompanhava e lhe trazia vinho para se esquentar no frio, mas as pessoas não entendiam o motivo e a chamavam de bêbada.

Certo dia, passa um juiz da comarca e vê o menino com uma garrafa na mão e pergunta: o que fará com essa bebida? O menino responde: é para minha mãe. O juiz humilha a mãe do menino na sua frente, dizendo que ela não tem vergonha e que não prestava para nada, não passava de uma bêbada. Quando o menino chega

ao rio, vê que sua mãe não está passando muito bem. Dá a ela um gole de vinho para se esquentar, mas ela não se recupera.

Nesse momento, passa uma amiga lavadeira e a ajuda a ir para casa, pois mal consegue ficar em pé. Chegando em casa, deita na cama e se alimenta com alguns restos de comida que recebe das empregadas do juiz, e bebe uma cerveja com manteiga que a lavadeira preparou para ela. Seu filho deita ao seu lado e logo adormece. Enquanto o menino dorme, a mãe conta à amiga sobre seu passado: que seu filho era sobrinho do juiz da comarca, e que seu marido morreu antes de conhecer o próprio filho. A lavadeira adormece e, no outro dia, quando acha que está se sentindo melhor para trabalhar, acaba falecendo.

O juiz, depois de um tempo, descobre a verdade e adota o menino, mas mesmo assim sua opinião sobre a lavadeira não muda, pois continuou acreditando que ela “não prestava para nada”.

### 3.2 UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS SELECIONADOS

Hans Christian Andersen costumava olhar para as minorias, colocando-as nas suas histórias. Como se percebe pelo estudo da sua vida, ele conta sua própria história misturando-as em seus contos. Um exemplo está presente em “Não prestava para nada”, pois é impossível não compará-la à vida do autor, já que sua mãe era também uma pobre lavadeira, personagem central do conto: “Lá estava a mãe, metida na água, diante de uma banqueta, batendo com uma espátula de madeira a roupa pesada” (ANDERSEN, 2011, p. 329).

Grande parte das cenas patéticas dos contos de Andersen é inspirada directamente na realidade inclusive é muito possível que a narrativa desoladora e terrível de *Não serviria para nada* [outro nome da história], que tem como protagonista uma mãe lavadeira e o seu filho, seja uma recordação autobiográfica, uma vez que a mãe do pequeno Andersen, quando o marido morreu, teve de ganhar penosamente a vida a lavar roupa. (BRAVO-VILLASANTE, 1977, p. 55, grifos do autor).

Esta mulher sofria muitos preconceitos pelas outras pessoas, enxergavam-na como uma bêbada, uma imprestável, que não servia para nada. E a pobre moça se matava de tanto trabalhar: “trabalho como uma moura, arranco as unhas de tanto

trabalhar, mas não importa desde que consiga criar-te honradamente, meu querido filho” (ANDERSEN, 2011, p. 329).

No conto “Histórias de uma mãe” narra-se a triste realidade de uma pobre mãe que luta pela saúde de seu filho. O pequenino sofre de problemas de saúde, devido à falta de condições melhores de vida.

Uma mãe se encontrava sentada junto do filhinho, muito aflita e receosa de que ele morresse. O menino estava tão pálido, os olhos pequeninos tinham-se fechado, sugava tão lentamente o ar e, de vez em quando, com uma aspiração tão funda que era como se suspirasse. A mãe olhava cada vez mais angustiada para o pequenino ser (ANDERSEN, 2011, p. 300).

Pode-se perceber que na história ela é solitária, pois, assim como em “Não prestava para nada”, a figura masculina não aparece. Então, as duas mães criavam seus filhos sozinhas da melhor maneira que podiam, como pode ser observado nos excertos abaixo, extraídos de “Não prestava para nada” e “Histórias de uma mãe”, na sequência:

[...] É tão bom como comida quente e, além disso, não é tão caro! Bebe um pouco, meu rapaz! Estás pálido e tremendo de frio, com essas roupas finas! Já estamos no outono. Ufa! Com a água está fria! Oxalá não fiques doente. Não, que eu não quero! Dá-me mais um trago e bebe tu também uma gotinha. Uma gotinha só, não te vás acostumando, meu pobre filho! (ANDERSEN, 2011, p. 329).

A mãe puxou uma cadeira para junto dele e ficou sentada olhando para o filhinho doente que respirava fundo, pegando-lhe na mãozinha. [...] A mãe deixou os olhos no regaço das lágrimas correram-lhe nas faces. A cabeça pesava-lhe. Durante três noites e três dias não fechara os olhos, então deixou-se adormecer, mas só uns momentos [...] (ANDERSEN, 2011, p. 300).

Em “Sapatos Vermelhos”, a temática da pobreza aparece já no início da história, quando retrata a vida da pobre menina que desde novinha passou por muita miséria, não tendo o que vestir nem o que calçar: “[...] no verão andava de pés descalços e no inverno, com grandes tamancos de pau” (ANDERSEN, 2011, p. 255). Seus pés ficavam todos calejados e vermelhos, devido o sapato ser de madeira. A menina era tão humilde que o único sapato que obteve foi feito de pedaços velhos de tecidos vermelhos. Quando sua avó faleceu, usou-os mesmo não sendo ideais para o luto.

No meio da aldeia de camponeses morava a idosa mãe do sapateiro, que se sentou para costurar, tão bem quanto sabia um par de sapatinhos de uns restos velhos de roupa vermelha, bem toscos, mas feitos de boa vontade, e a menininha teve de aceitá-los (ANDERSEN, 2011, p. 255).

Essas mulheres pobres citadas nos dois contos têm em comum o preconceito e desprezo que a alta sociedade tinha para com elas. A diferença social era muito evidente no século XIX, enquanto uns tinham muito, outros beiravam a miséria.

[...] mas era ainda mais vulnerável a situação de uma mulher trabalhadora. [...] embora subsistindo em situações normais, eram totalmente incapazes de enfrentar os momentos adversos concretos que os atingiam de forma recorrente: a doença, o desemprego, o número crescente de filhos, o pagamento de um funeral, um desastre (inundação, fogo, roubo...), a viuvez, a orfandade, a velhice, etc. (LOPES, 2000, p. 16-17).

O que mais fica claro nesse conto, são como essas mães solteiras tinham que “se virar”, pois a sociedade era muito discriminatória pelo fato da mulher não ter um homem em casa, que deveria ser o provedor. Em “Não prestava para nada”, a discriminação sofrida pelas mulheres é evidente “- É a lavadeira! – disse o juiz. – Com certeza bebeu demais! Não presta para nada! É pena, pelo belo filho que tem. Sinto verdadeira simpatia pelo rapaz. Mas a mãe não presta para nada!” (ANDERSEN, 2011, p. 331).

As mulheres, por mais que fossem trabalhadoras e criassem seus filhos com honestidade, sustentando suas casas sozinhas, o preconceito cegava as pessoas. Em uma conversa do filho da lavadeira com o juiz da comarca, pode-se notar a desvalorização da pobre moça: “[...] Não presta para nada a tua mãe! É triste ver como procede esta gente! Diz à tua mãe que tenha vergonha! E não te tornes tu também um bêbado” (ANDERSEN, 2011, p. 328-329).

Com o trecho acima citado do livro, vemos como para os homens daquela época a mulher era o exemplo da casa, por isso, se o filho se desviasse de seu caminho a culpa era toda da mãe. Segundo Peixoto apud ABREU (2015, p. 27), a “felicidade comum depende das mulheres”, pois a partir do momento que está educada, tem educação para educar seus filhos. Com isso, por mais que o filho estivesse seguindo o exemplo do pai a culpa por não ser bem educado sempre seria da mãe.

Conforme afirma Telles (2012), a mulher não podia ser a protagonista da sua história, ela nasceu para um papel secundário, então ser a “criadora” dentro de sua



casa era motivo de rejeição na sociedade. O papel feminino no século XIX era ser submissa ao homem.

Na nova figuração que definiu o indivíduo como o entendemos hoje, foi redefinido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não-europeu e de outras culturas. A mulher passou a ser a ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar. Ou o oposto, as mulheres fatais e as decaídas. Sem dúvida, tanto anjo/perversa quanto “bom selvagem”/selvagem traiçoeiro eram tipos ideais sem correspondência no vivido (TELLES, 2012, p. 402, grifos do autor).

Em “Sapatos Vermelhos”, a protagonista, por sua vez, vai de encontro ao que era imposto à mulher, ao desejar, até ambiciosamente, os sapatos que a fizessem ser notada, o que vai lhe causar, ao final da história, uma punição.

Logo que Karen estava na idade de passar a crisma, a senhora leva a menina para comprar sapatos novos e novas vestes. Os sapatos que ela escolhe são inapropriados para a ocasião, eles são vermelhos como os que ela tinha antigamente. Nota-se a partir desse momento os primeiros pecados da menina: a vaidade e soberba, pois ela sabia que os sapatos não eram ideais para ir a igreja, mas mesmo assim se aproveita da situação.

Karen estava na idade de ser confirmada. Recebeu novos vestidos e também teria sapatos novos. O sapateiro da cidade chique da cidade tomou-lhe as medidas do pezinho. [...] entre os sapatos estava um par de vermelho igual ao que a princesa trouxera. Como eram bonitos! O sapateiro disse que tinha, sido feitos para a filha de um conde, mas não lhe serviram. [...] foram comprados. A velha senhora não sabia que eram vermelhos, pois nunca teria permitido a Karen ir à Confirmação com sapatos vermelhos. Mas Karen foi (ANDERSEN, 2011, p. 256).

O desejo por atrair olhares alheios era tão grande que a menina desejava que todos a olhassem propositalmente e admirassem seus sapatos. O choque das pessoas que estavam na igreja foi tão absurdo que todos pararam para olhar os seus pés. O autor chega a descrever até os olhares dos retratos que rodeavam as paredes da igreja. O pecado da vaidade já estava crescendo em seu coração, quando o pastor lhe concede a benção é como se ela ignorasse essa benção e focasse só nos seus sapatos vermelhos.

Todos olhavam para os pés de Karen. Quando subiu da nave para a entrada do corpo, parecia-lhe que até mesmo as velhas figuras nas sepulturas, aqueles retratos de pastores e mulheres de pastores, com rígidas golas e longas vestes negras, fixavam os olhos nos sapatos vermelhos, e só pensava nos sapatos quando o pastor lhe pôs a mão sobre a cabeça e falou do santo batismo, do pacto com Deus, que ela seria agora uma cristã crescida. O órgão tocava solenemente, as belas vozes das crianças entoavam, o velho chantre cantava, mas Karen pensava apenas nos sapatos vermelhos (ANDERSEN, 2011, p. 256).

A punição pela vaidade é dada à personagem de uma maneira cruel e fria, ela teve de pagar da pior forma para enxergar os seus erros. Um anjo com olhar severo e grave a amaldiçoa:

- Dançarás! – disse o anjo – Dançarás com teus sapatos vermelhos até estares pálida e fria, até tua pele enrugar-se como a de um cadáver. Dançarás de porta em porta, e, onde morem crianças soberbas, vaidosas, baterás à porta, para que te ouçam e tenham pavor de ti! Dançarás, dançarás sempre (COELHO, 2011, p. 258).

Se a mulher não seguisse o padrão que lhe era imposto, de certo modo era punida, porque não seguiam o que lhes era “determinado”:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. (WOLLSTONECRAFT *apud* TELLES, 2012, p. 406)

Um ponto em comum entre as mulheres pobres e as ricas, que eram casadas, era a submissão, que sempre existiu independente da classe social. Não era porque a mulher tinha que trabalhar que ela teria o direito a questionamentos dentro de casa. Nesse aspecto, tanto a mulher rica quanto a pobre, não tinham direito a dar opiniões. E muito pouco se falava sobre esse assunto na época, tanto é que Andersen é um dos poucos autores que refletiu sobre as diferenças de classes sociais nessa época, sem no entanto criticá-la diretamente.

No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte, e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais (COELHO, 2010, p. 161).

Exemplo disso é quando o autor em “A princesa e a ervilha” mostra que somente as mulheres nobres tinham uma sensibilidade maior, sem fazer a crítica efetiva disso. O autor demonstra essa realidade na estratégia em que a família aplica sobre a menina, para descobrir se ela se tratava de uma verdadeira princesa.

Dirigiu-se ao quarto de hóspedes, tirou a roupa da cama, pôs uma ervilha sobre as tábuas do leito e depois, pegou vinte colchões, colocou-os uns sobre os outros e sobre estes ainda mais vinte edredons, Lá a princesa dormiria naquela noite. No outro dia de manhã, perguntaram-lhe como havia passado a noite. – Oh!, terrivelmente mal! - Respondeu a princesa. – Quase não preguei o olho toda a noite! [...] (ANDERSEN, 2010, p. 47 - 48).

Andersen sabia falar de todas as classes, pois como havia convivido dos dois lados, não criticava nenhum, e sim utilizava-se de seu conhecimento para enaltecer as mulheres, e destacar suas qualidades. Percebe-se isso, por exemplo, em “A princesa e a ervilha” quando se mostra a sensibilidade que uma mulher teria, pertencendo à nobreza:

Princesas havia muitas, mas, quanto a considerá-las autênticas, nunca pôde decidir. Sempre havia algo que não era próprio de uma princesa genuína. [...] O rei, a rainha e o próprio príncipe puderam desse modo verificar que se tratava de uma autêntica princesa. Na verdade, só uma genuína princesa podia ser tão sensível assim.” (ANDERSEN, 2011, p. 48).

Interessante observar, no entanto, que autor deixa claro como a nobreza da época achava que era superior à classe menos provida de recursos. As mulheres que tinham melhores condições financeiras jamais poderiam ser comparadas às que não tinham dinheiro. Isso, de certo modo, corrobora com a afirmação de Bravo-Vilassante (1977, p. 56), quando diz que: “Os contos do povo transformam-se, pela elaboração de um poeta que os embeleza, em manifestação da sua própria inspiração e das influências dos poetas preferidos”.

Em sua forma de narrar, Andersen, mesmo quando está trazendo uma história de angústia e sofrimento, não traz um olhar de amargura ou rancor, como pode ser observado nos excertos abaixo, respectivamente nos contos: “Não Prestava para Nada”, “História de uma mãe” e “ Os Sapatos Vermelhos”.

Durante nove meses tive de ajudá-lo a vestir-se e a despir-se. As coisas andavam cada vez mais para trás, pedíamos constantemente dinheiro emprestado. Todos os nossos haveres se perderam e por fim Eric morreu. Trabalhei depois sem descanso, lutando e me esforçando com o pensamento no filho, lavando escadas e roupa grossa e fina. Melhor vida Deus não me quis dar, mas ele me absolverá também e cuidará do meu rapaz (ANDERSEN, 2011, p. 333).

- Como pudeste achar o caminho para aqui? – perguntou a Morte. – E como pudeste chegar mais depressa do que eu? – Sou mãe. A Morte estendeu a longa mão para a florzinha delicada, mas a mãe manteve as mãos firmes à volta desta, bem de perto, contudo receosa de tocar na mínima folha. Então a Morte soprou-lhe nas mãos e ela sentiu que esse sopro era mais frio que o frio vento e as mão caíram-lhe desfalecidas (ANDERSEN, 2011, p. 304).

Era uma vez uma menininha muito delicada e graciosa, mas pobre, que no verão andava de pés descalços e no inverno, com grandes tamancos de pau, de modo que os pequeninos peitos dos pés ficavam completamente vermelhos, o que era horroroso. No meio da aldeia de camponeses morava a idosa mãe do sapateiro, que se sentou para costurar, tão bem quanto sabia um par de sapatinhos de uns restos velhos de roupa vermelha, bem toscos, mas feitos de boa vontade, e a menininha teve de aceitá-los (ANDERSEN, 2011, p. 255).

Essa é outra característica que se pode pensar que ele adquiriu na convivência com a mãe, visto que a figura feminina da época traz esse traço piedoso.

Muitas vezes Andersen é patético, como na história *Não prestava para nada*, em que refere a história da lavadeira doente que morre, denuncia a falta de fraternidade relata o sofrimento dos pobres e dos humildes, mas sempre sem amargura e sarcasmo. Em Andersen tudo é tão belo que até o próprio sofrimento aparece enobrecido. (BRAVO-VILASSANTE, 1977, p. 57).

Seu nobre coração é visto quando fala das mulheres e as coloca em um lugar que, para a época, não era comum: o de destaque. Ele mostra como as mulheres apesar de todos os preconceitos que sofriam, quando se tratava de conseguir algo para os filhos, não mediam esforços. Isso acontece em “História de uma mãe”, em que a protagonista, para não ver seu filho morrer, não mede esforços.

A pobre mãe saiu de casa correndo, gritando pelo filho. Aqui fora, no meio da neve, estava sentada uma mulher com um vestido preto comprido e disse: - A Morte esteve na tua casa, bem vi. Saiu toda a pressa com o teu menino. Corre mais veloz que o vento e nunca devolve o que leva! – Diz-me só que caminho tomou! – retorquiu a mãe. – Diz-me o caminho, que eu a acharei! [...] – No entanto, antes de o dizer-te, tens de cantar-me todas as canções que cantaste ao teu filho! [...] – Claro que vi disse o espinheiro. – Mas não te digo que caminho tomou sem que primeiro me aqueças no teu coração! Tenho um frio de morte, estou ficando completamente gelado! Ela apertou o espinheiro contra o peito, bem apertado, para que pudesse aquecer-se convenientemente, e os espinhos entraram-lhe na carne e o sangue correu-lhe em grandes gotas (ANDERSEN, 2011, p. 301).

Segundo Rago *apud* ABREU (2009), e como já observado, as mulheres não tinham poder de decisão ou de comando, pois os homens, de modo geral, tinham medo que um dia elas pudessem “substituí-los”. Afinal, mesmo sem admitir, viam que elas tinham de potencial para realizar qualquer tarefa que eles realizavam.

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair. (TELLES, 2012, p.407)

Em todos os contos analisados a mulher sempre aparece em um papel de destaque, pois era assim que Andersen enxergava a mulher. Tanto nas mulheres pobres, como por exemplo, em “Não prestava para nada” assim como a nobreza em “A princesa e a ervilha”, o autor evidencia sempre o papel feminino na sociedade.

Percebe-se assim, o seu orgulho de ter sido criado, e bem criado, por sua mãe, tornou-se um homem bom e respeitado. Porém nem por isso precisou criticar a classe nobre, pois reconheceu que através dela teve suas melhores oportunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu realizar uma análise dos papéis femininos em quatro contos de Hans Christian Andersen: “Não prestava para nada (1852 – 1855)”, “A princesa e a ervilha (1835)”, “Os sapatos vermelhos (1845)” e “História de uma mãe (1847 – 1848)”, em busca de compreender o papel da mulher e as relações de poder entre as classes baixa e alta da sociedade.

Verificou-se que a literatura infantil nasceu das obras escritas por adultos e, por acaso, acabou atraindo o gosto de jovens e do público infantil. Por volta de meados do século XVIII e XIX ganhou grande impulso principalmente com as obras de grandes autores, juntamente com Hans Christian Andersen. Também notou-se que este escritor possui grande importância para a literatura em seu país, visto que suas obras vem conquistando até hoje as pessoas e alcançando cada vez mais prestígio no âmbito mundial.

Foi possível observar e entender melhor o papel feminino, a partir dos textos teóricos, na sociedade patriarcal, onde vivia Andersen, e como a mulher era vista pelas pessoas da época. Sua obrigação era cuidar do lar, ensinar aos seus filhos a se submeterem a essa educação e obedecer aos seus maridos acima de tudo.

A partir das teorias, pode-se verificar mais a fundo a mulher presente nos contos e qual era seu papel diante dos diferentes contextos que estavam inseridas. Pode-se notar a pobreza em “História de uma mãe”, que expressou seu sofrimento diante do filho que estava falecendo, devido à falta de condições financeiras, de não poder ter uma saúde de qualidade e uma boa alimentação.

Essas injustiças sociais percorrem também ao segundo conto, que narra a mesma temática da pobreza “Não prestava para nada”, na qual uma mãe desempenha uma dupla função de dona de casa e lavadeira, e é criticada pela sociedade e chamada de bêbada. Ambas as personagens não têm muito que dar para os seus filhos e se esforçam ao máximo para sustentá-los, sendo capazes de dar sua própria vida.

Andersen conheceu muito bem esses dois exemplos de mulheres, pois sua mãe era uma lavadeira, sabia das dificuldades que enfrentou para lhe sustentar, e lhe tornar um homem de bem. Foi possível perceber que o autor não descrevia com desprezo a exploração da classe alta perante as classes menos favorecidas. Como

viveu em contato com os dois lados, Andersen colocava ambas as qualidades das personagens femininas, e como forma de expor a realidade não se importou de escancarar o modo que eram vistas.

As personagens femininas que pertenciam à classe alta levavam uma vida superior às outras, em: “A princesa e a Ervilha” e “Os sapatos vermelhos”, as duas personagens entraram para a classe alta. Andersen apresenta a sensibilidade de uma princesa em sentir uma pequena ervilha em suas costas, destaca-se a delicadeza que uma mulher da realeza, da classe alta deveria ter, e em relação à personagem Karen, demonstra-se a vaidade e a soberba dos ricos, diante dos menos favorecidos. Apesar de ter vindo de baixo, tinha vergonha do que era, e queria ser uma pessoa superior a todos, para que fosse respeitada e invejada.

Por fim, pode-se dizer que os estudos aqui realizados levaram-nos a concluir que a figura feminina nos contos tinham significações diferentes por serem pobres ou ricas, mas o que apresentavam de semelhanças era a mesma obediência que deviam ao homem, comprovando-se assim o período patriarcal na qual Andersen fez parte.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Spicione, 1991.

ABREU, Aline L. R. A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em O estímulo. In: Zinani, Cecil J. A.; Santos, Salete R. P. dos. (Orgs.) **A mulher na história da literatura: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015. p. 13 – 41.

ANDERSEN, Hans C. A princesa e a Ervilha (1835). In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 47 – 48. (Coleção Contos da fonte).

BRAVO-VILLASANTE, Carmen. **História da Literatura Infantil Universal**. Tradução de Manuel Campos e Alexandre de Freitas. Lisboa: Editora Veja, 1977.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000

\_\_\_\_\_. Os sapatos vermelhos (1845). In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 255 – 261. (Coleção Contos da fonte).

\_\_\_\_\_. História de uma mãe (1847 – 1848). In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 300 – 305. (Coleção Contos da fonte).

\_\_\_\_\_. Não prestava para nada (1852 – 1855). In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de



Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 328 – 335. (Coleção Contos da fonte).

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. Barueri. SP: Manole, 2010.

\_\_\_\_\_. Revisitando o universo de Hans Christian Andersen. In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen.** Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 5 – 19. (Coleção Contos da fonte).

\_\_\_\_\_. **O conto de fadas:** símbolos – mitos – arquétipos. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

DÄL, Erik. Introdução do original. In ANDERSEN, Hans C. **Contos de Hans Christian Andersen.** Tradução de Silva Duarte; Prefácio e comentários de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 21 – 23. (Coleção Contos da fonte).

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto.** 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

JESUALDO. **A Literatura Infantil.** Tradução de James Amado. São Paulo: EDITORA CULTRIX LTDA, 1982.

LOPES, Maria A. Introdução. In: LOPES, Maria A. **Pobreza, assistência e controle social:** Coimbra – Vol. 1. Viseu: Editora Palimages, 2000. p. 12-24.

MEIRELES, Cecilia. **Problemas da literatura infantil;** coordenação André Serafin. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos.** O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In PRIORE, Del Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012